

A CANÇÃO DE ZEFÂNIAS SFORZA

Luís Carlos Patraquim

Imagem da capa: Roberto Chichorro,
Noite enluarada com cão vermelho (pormenor), 2004

1. A possibilidade de Zefanias Sforza

Quem não conhece Zefanias Sforza? Ninguém, é verdade. Mas embora nenhuma rua desta cidade lhe assinale nome, e nem busto ou estátua, a possibilidade de isso vir a acontecer é mais verosímil do que alguns pensam. Zefanias Plubius Sforza, afirmo-o com a dúbia convicção de um mero tabelião de afectos e descasos, foi um cidadão, ou tentou ser, e isso já não é pouco.

Se é certo que o nome inscreve um destino, ou um estigma – Ngungunhane só podia ter a condição e os azares que se lhe conhecem, esse leão dúbio, corajoso e nu, caverna e trovão –, Zefanias pouco utilizou o seu poderoso apelido, os tempos não ajudavam.

Chovia quando nasceu. Voltarei sempre a este assunto.

Os Sforza!... Olhem o mapa, qualquer mapa, e vejam a distância que vai desta Delagoa Bay, Zefanias denominava assim a cidade sempre que os seus pergaminhos genealógicos tiniam como cristal, imaginem, o castelo do ducado de Milão, lá nos longes da velha Europa e

maravilhem-se com os séculos. Ao cimo da famosa bota, depois dos arvoredos e dos ciprestes – Zefanias nunca foi muito rigoroso na descrição das paisagens, ele que tinha na savana a planura rasa e fulva onde toda a pretensão de palavrosa minúcia se deita para morrer –, ao cimo dela, abrindo-se a dita península como a barriga do Chianti, para os Alpes, ficava a terra dos seus antepassados, de alguns dos seus antepassados. Os olhos, que eram enormes, brilhavam com gozo e a tez de Zefanias enrubescia. Alguns antepassados... Recolocava a voz, enrouquecida na ênfase da ressalva aos ancestrais, e emborcava rápido um gole de vinho rasca, murmurando, pesaroso, enquanto espargia algumas gotículas vermelhas pelo chão:

“Precisávamos de uma Idade Média.”

“Resta-nos a fortaleza”, suspirava.

Calculo que a audiência projectasse para si a imagem do fortim modesto, ali nos antigos paus da baixa, de Nossa Senhora da Conceição chamado, ex-paliçada de madeira e mosquitos, presídio de todos os desgarrados e aventureiros, mais alpendre do que mastro e bandeira de soberanias perdidas. Eram sempre ao fim da tarde estas desconversas e o bar, um barracão improvisado de dumba-nengue, aquiescia em ouvi-lo, ao nosso Zefanias, ele envergando o seu tweed coçado nas invernias de Agosto, espaço suando e fedendo se o tempo era o das chuvas e dos calores subtropicais. Digo subtropicais porque Zefanias empertigava-se de rigores sempre que se falava de geografias, paralelos, graus, continentes, cór-nios, unicórnios ou Capricórnios.

“A espada da história decepou as estátuas!...”

“Putá que pariu as estátuas, Zefanias!”, ouvia-se quase em coro. E ele ria. Suspirava sem saudosismo, mas por ímpeto de uma monumentalidade cujo peso, perfil, sopro, lamentava-se, só percebia nas tardes tempestuosas, quando as bâtegas e o som da trovoada arreganhavam a copa majestosa das mangueiras. E discorria sobre os condottieri... que não, qual mercenários sem escrúpulos ao serviço de senhores!

“Que sabem vocês dessas batalhas?”, perguntava, furibundo, à plateia de bebedolas. A alusão à fortaleza ocorria-lhe sempre que descia à city e pastava as suas falagens num tasco esconso e sebento lá para os lados das Oficinas Gerais. Ao menos ali, onde tudo ruíra, o rendilhado partido das janelas, sujas das caganitas dos pássaros, lembrava o Tempo, o dos operários, ajoujados à massa oleosa das grandes máquinas a vapor, esses animais do progresso que eram – tinham sido? – os Caminhos-de-Ferro.

“Mas, afinal, o que é que tu és, a estilar ao italiano?”

“Sforza, seu macua do caniço!”

“Café com leite!”

“E com muito gosto!”

Zefanias soerguia-se do banco e fazia uma vénia.

“Messere Silva, retire-me esta Laurentina choca e sirva-me um galão, um galão equilibrado, metade leite, metade café.”

“Messere, uma porra, ó Zefanias! Queres da tua cor, é isso?”

“Na justa medida”, respondia o nosso homem.

Devo confessar, amigo leitor, que a possibilidade de uma personagem como esta, um Zefanias Plubius Sforza, natural de Maputo, se descontarmos outras designações, este Zefanias que sofria de fortes afrontamentos de passados remotos, com um apelido deveras improvável, se afigura difícil para a escorreita composição desta noveleta.

O que será uma personagem? Se é uma máscara ou imitação compósita de pessoas que encontramos na chamada vida real...

“Não há vida real”, escarmentava o Zefanias, “o que é vida real no ahoje é ahoje já será passado amanhã e qualquer molwene falará desses idos conforme sua conveniente camaleonice.”

... isso da vida real não será sempre uma escolha, um ponto de vista, um concentrado de características repescadas aqui e ali?

“A tua escolha sou eu!”, esforçava-se por trovejar, mas a voz saía-lhe desigual, numa mistura de agudos e alguns roncões nada abonatórios para um Sforza.

Nem sei como tal apelido desembarcou no Cais Gorrão. Mas essa questão dos nomes fica para mais tarde, que o nosso Zefanias não gosta de misturar as coisas.

“Para misturas basto eu”, vangloriava-se.

Morava no que fora um chalet, na Avenida 24 de Julho, quando os tramways subiam a D. Carlos, depois Manuel de Arriaga, agora Karl Marx, dobrando a Central Eléctrica e subindo, chiando, extenuando-se.

“A 24 de Julho é uma avenida coerente”.

Verdade que a frondosa via, que atravessava a cidade a meio, na sua parte alta, desenrolando-se desde o bairro

da Polana ao Alto Mahé, mantivera a mesma designação. Nome desde o antigamente por causa da sentença do Marechal Mac-Mahon sobre os territórios da Catembe, defronte da baía, que Sua Majestade britânica reivindicava à dita soberania portuguesa e que assim se manteve por ter sido essa a data das famosas nacionalizações, loguinho mesmo a seguir à independência. Zefanias, que não era dado a sinuosidades semânticas, classificava como *mesmura* essa teimosia toponímica, alheio a manifestas incoincidências políticas. Nunca lhe consegui uma explicação para o termo.

O dito chalet, verdade seja, tinha mais de evocação do que de estatuto, relíquia de uma certa belle époque cujos perfumes cruzaram os oceanos, dobraram o Cabo e aportaram na cidade. Aqui uma frontaria em arcos, lavrada, uns muros à inglesa, colunatas modestas, um e outro hotel junto ao porto, o can-can de algumas vaporosas francesas. Mas a cidade era na baixa. Nos altos, que Mouzinho de Albuquerque ainda subira a cavalo poucos anos antes com medo das emboscadas, a zona fresca propiciava as casas avarandadas onde uma burguesia sempre apavorada com a biliosa mas a prosperar podia dizer que pegava na lancheira e ia para o campo. Poucos sobravam, quase nenhuns, diga-se a verdade, ora substituídos ou acrescentados, ora vergastados pelo tempo.

Zefanias morava numas sobras a lembrar, diz o chavão, pequenas glórias passadas, remansos de almoçadas estóicas, namoricos nos quintais pejados de árvores de fruto, frissons exacerbados pelos humores quentes do clima.

“Se julgas que vais contar a minha estória com as mesmas palavras com que me fazes as perguntas, olha que te canho, canho mesmo!” E apontava, “aí, nessa tibia torta! Palavras de cinquenta paus tive eu maningues mas as notas não têm aquele som das duzentinhas. Papel só serve para rasgar”.

Espantava-me a sua variação de humores, resvalando para um calão que, noutras circunstâncias, sei que nunca pronunciaria.

Zefanias, Zefanias Plubius Sforza, que idade?

Quando a chuva diluviana desabava sobre a cidade, alagoando os caniços, o nosso homem rejuvenescia. Desapareciam-lhe as rugas da testa, aparentava a idade que dizia ter.

“Trinta e cinco anos, quatro mulheres e oito filhos.”

Na canícula, parecia que se lhe dobravam os anos. Nunca saberei data certa de nascimento, nem qual dos Zefanias seria o verdadeiro. Tantas vezes, como que possuído, esbracejando poeiras e odores como quem procura espíritos, do resmoneio em lengalenga, a voz, como uma aparição, tomava-se de tons graves, o rosto encarquilhava-se, furioso, e o pai, o saudoso Zefanias Sforza, ressurgia-lhe na plenitude do seu passado, da sua morte transfigurada. É minha convicção de que escrevo sobre o filho, já que ao velho Zefanias, sem Plubius de permeio, todos o conheceram como um empedernido ateu e positivista.

Tudo isto pode parecer um confusionismo de narrador incompetente, mas a verdade é que em terra de espíritos, sendo os de cor verde os mais deletérios, melhor é ir avançando com cautela nestes episódios que fui ouvindo.

“Admiras-te das mulheres? Pois te digo que nunca fui polígamo, cada uma se sucedeu à anterior, mesmo se às vezes se cruzavam em coincidências. Uma mulher está sempre a marcar presença. Os sacanas dos brancos gostam de bazófilas moralistas. Eu via. O Joe Pizzas a trincar bife à Sheik com a loiraça de sexta-feira, enlaçado à Dona Mercês no cinema de Sábado, na praia com a Mitó, uma mulatona de gritar aleluias ao bom gosto de Deus...”

Zefanias, não estás a confundir os tempos?

“Quais tempos?!”

Os do colonialismo e os da independência?

“Raios parta os tempos! Sou um epiconista! Nem os gajos nunca souberam o que isso é”.

Pelo que, dadas as circunstâncias, a possibilidade de Zefanias Sforza é a de alguém com genealogia. Toda a pretensão é da sua responsabilidade, mas como não tê-la quando aqui tudo é demasiado recente, sem patine? E não me refiro só ao verdete no bronze. Ou ao bronze, tão parco. Basta olhar para as casas. Das linhagens dos chefes mais antigos diluíram-se os vínculos e é preciso sair da cidade para se encontrar, e louvar, imprecisar às vezes, alguém de quem possamos ter a certeza ser um descendente de antigo guerreiro, resistente. Merecerão todos eles a louvação? A posse e demarcação do que foram os matos, os sertões calcados de ambições, flibusteiros, batalhas e traições, essa pele tensa onde as vozes fazem vibrar as suas narrativas, pele escarificada pela fúria das lanças e o estampido das espingardas, tudo isso é o vinco da derrota, de uma certa derrota.

A cidade, essa missanga grande, esse vidrilho, esse espelhinho delicado, forrado de seda, com que se tentava entreter e seduzir as mulheres grandes para que estas amaciassem as decisões dos dignitários da terra, tudo isso se diluiu neste traçado, lugar de desembarque e depois de muitos desenhos por onde correm as gentes e as coisas.

Penetremos, pois, nesse colar multicolorido, afa-gando-lhe algumas das contas, as de um certo e improvável Zefanias Plubios Sforza, um moçambicano com qualidades.

“Zefanias, que dia é hoje?”

“Trazes a caderneta?”

E a malta ria-se.

“Olha que para viajares da Mafalala à Polana precisas de salvo-conduto...”

“Vocês sabem que nos tramways, ou no machimbombo, já não sei bem, esse mulato descarado nunca se sentou no banco de detrás?”

E nunca andou de bicicleta. “A bicicleta é para os magaíssas”, dizia.

“Zefanias, não apareças, que hoje já choveu”.

“Indígenas de merda!”

Máscara, personagem, persona, o que ouvi de Zefanias Sforza é o que rigorosamente se anota aqui, numa espécie de deve e haver contabilístico, com algum desacerto, reconhecimento, na razão entre realidade e ficção. Que sabemos disso? Que respostas procurar em Zefanias, que esforço ou desforço para considerar como verdade o que

talvez seja só a mera formulação de algumas hipóteses? Dadas as circunstâncias – atentai, caros senhores! –, a única fonte para este relato é ele, o nosso herói. Comiserai, se posso verbalizar o que é da ordem da atenção ou da aquiescência, a vossa.

Se lhe realçar a altura de basquetista, não obstante a pose arqueada que não autoriza subjectividades de nenhuma índole – Zefanias cansado da vida; Zefanias ajuizado ao peso das preocupações, Zefanias isto ou aquilo –, e lhe aplaudir o andar gingão sem exageros, a cabeça sempre inclinada para o lado direito, bigodinho fino e aparado, bigodinho malandro, de veludo, como ele dizia, afagando-o com o polegar sempre da direita para a esquerda, a testa alta e os olhos de quem intimamente se lambuzava na gozação da última beldade conquistada, todo esse glamour à Ramón Navarro, como diziam os velhos frequentadores do “Varieté”, se assim o descrever, concedo tropeçar no mais córneo convencionalismo literário. Zefanias não merece tanta tacanhez! Salva-se nesta fraqueza o glamour, a certa e indefinível aura que o envolvia, um misto de brilho apolíneo ensombrado por uma melancolia discreta, tão silenciosa e grávida de sentidos como o reflexo da lua cheia sobre as águas tranquilas da baía. Quem, nas noites suadas da novel urbe, debruçando-se sobre o miradouro, na parte alta, não contemplou essa plenitude vazia, essa quietude modorrandando subtilezas e elucubrações, esse não pensar que apazigua os temperamentos telúricos e angustia os visionários de promontórios a interpelar?

Dos muitos relatos avulso, do que pude ir compondo em tantos anos de o ouvir, retenho uma densidade impenetrável. Se a possibilidade de uma personagem é a sua, digamos, presentificação como projecto de vontade e a criteriosa escolha dos trabalhos e dos dias em que ela, essa vontade, se realiza contra cabos e marés, até que, exausta ou vencedora, se cumpra o seu desnudamento, então confesso ser essa empresa impossível.

Zefanias Sforza era um dissimulador, um jongleur? Lembro-me de me ter atirado à cara com este mais do que galicismo depois de uma noite gloriosa no Hotel Central, ali na Rua Araújo, entre perfumes de damas de Marselha e uma cena de pugilato com a marinhagem insolente e pouco cavalheiresca. Zefanias não suportava atitudes menos próprias. “Não é por causa da sua perdição que não se devem respeitos àquelas senhoras. Compete a um verdadeiro gentleman desabrochar-lhes a flor delicada que têm dentro delas. Ninguém me chama jongleur na minha terra, muito menos um cabrão dum marinheiro. Viste a borla amaricada dos gajos? E chamarem-me jongleur!”

Era assim, o Zefanias... que, se se perderam, as marselesas, dizia-me ele, obsessivo, uns dias mais tarde, era só olhar para o mapa e perceber a distância. Se vieram Atlântico abaixo, dobrando o Cabo, mais tormentosa ainda. Se atalharam pelo Suez, mesmo assim, mesmo assim... E suspirava, passando a mão pelo queixo.

Muitas palavras entraram na cidade pelo cais. Mas isso é outra estória. Falarei delas ao sabor das lembranças

do meu convívio com Zefanias. Como tenho algumas saudades dele, o melhor é enfrentar os árduos caminhos do próximo capítulo. Sei que vou soçobrar à teoria do romance. A epígrafe do profeta Sofonias, um indignado, serve-me de consolo e de viático.